Instrumentos cirúrgicos de Balsa: (Quinta da Torre d'Ares)

Autor(es): Pereira, Maria Luísa Veiga Silva

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45549>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_29_7

Accessed : 26-Apr-2023 02:46:37

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIX

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1990

MARIA LUÍSA VEIGA SILVA PEREIRA
Conservadora do Museu Nacional de Arqueologia.

INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS DE Balsa (Quinta da Torre d'Ares)
«Conimbriga», XXIX, 1990, 107-127

RESUMO: Publica-se um conjunto de instrumentos cirúrgicos descobertos, no séc. XIX, em Balsa (Quinta da Torre d'Ares, Tavira), por ocasião das escavações na necrópole, que se guardam no Museu Nacional de Arqueologia.

Faz-se uma introdução sobre a medicina na época romana e agrupam-se as peças de acordo com as suas funções, apresentando-se, de cada uma, pormenorizada descrição.

À falta de um contexto arqueológico preciso, aponta-se como cronologia mais provável o séc. III d. C., atendendo à analogia tipológica com instrumentos semelhantes exumados em Paris, numa sepultura de incineração cuja datação é segura.

RÉSUMÉ: L'auteur publie une trousse de chirurgien découverte à Balsa (Quinta da Torre d'Ares, Tavira, Algarve) au XIX^{me} siècle, pendant les fouilles de la nécropole, maintenant conservée au Museu Nacional de Arqueologia, à Lisbonne.

Après une introduction concernant la médecine de l'époque romaine, on étudie une collection composée de différents instruments chirurgiques.

Les pièces sont groupées par catégories selon leurs fonctions. On a fait la description détaillée de chaque pièce. Faute de contexte archéologique, la chronologie la plus probable est le III^e siècle d'après l'analogie typologique avec des instruments pareils trouvés à Paris dans une sépulture d'incinération sûrement datée.

(Página deixada propositadamente em branco)

INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS DE Balsa (QUINTA DA TORRE DE ARES)

I — Introdução *

A medicina na época romana

A medicina que os Romanos praticaram e teorizaram é herdeira directa da medicina grega do período áureo e helenístico.

Na mais remota antiguidade, a medicina compreendia tudo o que diz respeito à ciência das doenças e ao seu tratamento. Mas na época da escola de Alexandria, período grego helenístico, dividiu-se em três partes distintas: a cura pelo regime, “*dietética*”, pelos medicamentos, “*farmacêutica*”, e pelo emprego da mão, “*cirurgia*”, ajudada ou não por instrumentos (*).

Esta divisão não foi mais que um artifício escolar, não correspondendo de forma nenhuma na prática a uma completa e radical separação. Era, pelo contrário, um todo indissociável, pois o cirurgião tinha de ser antes de mais um médico.

A cirurgia

Por deficiência de conhecimentos anatómicos, era muito limitada, visto só se conhecer a anatomia dos ossos e dos grandes órgãos interiores e exteriores. No entanto, os cirurgiões da Antiguidade eram muito hábeis em operar órgãos visíveis exteriores, onde o instrumento podia ser conduzido com segurança (2).

* Este texto foi originalmente uma comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia realizado em 1980 em Faro, cujas Actas não chegaram a ser publicadas.

P) DAREMBERG ET SAGLIO, *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*, Tome I, 2.^e partie, 1887, p. 1106-1115.

(2) *Idem, ibidem.*

Ao cirurgião eram exigidas qualidades e aptidões especiais para que lhe fosse reconhecida aptidão para exercer com competência esta ciência, as quais estão consignadas no tratado de Celso *De re medica* e ainda não foram ultrapassadas: ser jovem, possuir destreza e firmeza nas duas mãos, boa visão, coragem, insensibilidade às dores do doente, etc.

Primitivamente, na Grécia, a medicina era sacral e exercia-se nos templos de Asclepius por sacerdotes. Quando se secularizou, os sacerdotes vieram para as cidades exercer a sua profissão.

Em Roma, que herdou e assimilou a medicina grega, pondo de lado as credences etruscas, os médicos estabeleceram-se em lojas abertas para a rua, onde os doentes os iam consultar, lojas designadas por *medica-trina* ou *medicina*. Nestas lojas fabricavam igualmente os medicamentos.

Além deste tipo de medicina sedentária ou fixa e privada, outro tipo nasceu: a itinerante e pública.

Entre os Romanos, a medicina e a cirurgia desenvolveram-se prioritariamente para acudir às necessidades militares. Quando os exércitos se tornaram permanentes, o Estado Romano interveio e organizou um serviço de assistência médica aos soldados das legiões, colocando um médico à disposição das unidades militares e criando hospitais.

Com o expansionismo de Roma, o médico tornou-se itinerante para acompanhar as tropas nas regiões conquistadas; se, de início, foi só militar, com a pacificação e o andar dos tempos, a sua assistência passou a abranger a população civil.

Nas lojas dos médicos de que nós temos um exemplo em Pompeios, existiram todos os instrumentos necessários à prática médica e cirúrgica, tais como pensos (ligaduras, compressas, esponjas), ventosas, cautérios, facas, bisturis, agulhas, espátulas, sondas, pinças, raspadeiras de ossos, talas, “specula” uterinos, aparelhos para fumigações e injeções, medicamentos simples e compostos que o próprio médico fabricava.

A teoria médico-cirúrgica e a utensilagem cirúrgica da Antiguidade é conhecida através da literatura, pelas obras de Hipócrates, médico grego (séc. V a. C), Celsus (séc. I d. C), Aretaeus de Capadócia, Galeno, Oribasius, Soranus de Éfeso (séc. V d. C.), Moschion, Caelius Aurelianus, Aetius, Plínio o Jovem, Scribonius Largus, Marcellus Empiricus, Theodorus Priscianus, Alexander Trallianus, Paulus Aegineta, Hero de Alexandria, Padres Cristãos, e escritores médicos árabes como Albucasis, médico árabe do séc. XI que deixou nos seus manuscritos desenhos que copiavam os instrumentos greco-romanos, e confirmada

pela Arqueologia, através das escavações efectuadas em Pompeios, Herculanium, Grécia, Gália, Germania, Inglaterra, Hispania e outras províncias do Império, que trouxeram à luz do dia grande número destes materiais.

Material cirúrgico

Os Gregos são os antepassados incontestáveis dos actuais cirurgiões e grande número de instrumentos ainda em uso são uma invenção do génio grego.

Os Romanos não trouxeram grandes novidades a este ramo da medicina, mas aperfeiçoaram extraordinariamente o material cirúrgico.

Na época romana, a cirurgia (geral e oftálmica) foi intensamente praticada. Além das obras da literatura antiga, testemunham esta actividade as descobertas arqueológicas a que já nos referimos, nomeadamente as esteias sepulcrais com relevos e pinturas de operações e instrumentos e o material cirúrgico descoberto em Pompeios e Herculanium, Grécia, Gália, Bélgica, Germânia, Inglaterra e Hispânia.

Nas escavações de Pompeios foi encontrada “in situ” uma loja de cirurgia repleta de instrumentos. Em Baden, a estação romana Aquae ou Vicus Aquensis, foi escavado um hospital militar. A grande variedade de material cirúrgico que os Romanos fabricavam e que ainda hoje causa admiração foi sobretudo em metal: *bronze*, a liga metálica preferida, *ferro* ou *aço*, decorado a fio de ouro e prata; menos usuais foram o *osso* e *marfim*.

No entanto, o maior número de instrumentos que se conhecem são de bronze, liga com dureza e poder de conservação superior a qualquer outra.

Cronologicamente, os instrumentos cirúrgicos encontrados não remontam a maior antiguidade que o Império, isto é, não são anteriores ao séc. I a. C. As peças mais antigas, séc. I, cerca do ano 79 d. C., provenientes de Pompeios e Herculanium, são pouco ornamentadas e revelam uma grande simplicidade de linhas.

As de época mais recente, séc. II e III d. C., denotam maior elaboração, adquirindo mesmo uma elevada qualidade técnica e artística, sendo algumas raras peças de grande luxo. Por vezes são pequenas obras de arte damasquinadas a prata e a ouro, como, por exemplo, o escalpelo encontrado no estojo do oculista da Gália, Sextus Pollius.

Estes instrumentos encontrados um pouco por todo o espaço do Império Romano têm, utilizando a expressão de Deneffe⁽³⁾, um certo “ar de família”: são idênticos nas suas formas e proporções e no “*raffinement*” artístico.

O instrumento cirúrgico antigo é simultaneamente uma peça de grande simplicidade, funcionalidade e reduzidas dimensões. Consiste na reunião de dois instrumentos numa só peça. Na maioria dos casos apresenta *dupla finalidade*: uma extremidade é destinada à prática de uma operação e a outra é apropriada a outro fim. Os exemplos mais frequentes são o da espátula terminada noutra espátula ou numa pequena colher ou em azeitona. Também é vulgar os cabos dos escalpelos e bisturis terminarem numa espátula. A fim de serem facilmente manuseáveis e também portáteis, os instrumentos são de pequenas dimensões, oscilando entre os 130 e os 180 mm de comprimento.

O instrumental do cirurgião antigo, sendo relativamente variado quando fixo, era, quando portátil, muito restrito.

As peças mais necessárias eram perfuradas na parte superior e reunidas num anel preso à cintura. Mas também se encontraram estojos de cirurgião em bronze, geralmente com a forma de caixa cilíndrica, medindo em média cerca de 180 mm de comprimento e 15 mm de diâmetro.

Segundo Deneffe, continham em regra uma colher terminada em azeitona, dois estiletos ponteados ou olivares, uma espátula ou duas e uma pinça⁽⁴⁾.

Este era o instrumento de emergência reduzido à sua expressão mais simples, exigido pela prática quotidiana e que o médico levava quando visitava os doentes, e já era recomendado por Hipócrates segundo o tratado *De re medica* de Celso.

Este instrumental fabricado em metal era bem limpo e fervido segundo o preceito hipocrático. A assepsia não é uma novidade dos nossos tempos. A cirurgia greco-romana conhecia-a e praticou-a.

Os antigos não conheciam o álcool, mas utilizavam como desinfetantes e anti-sépticos o vinho, o fogo, o sal em solução ou em pó, o fenol, a resina e o cobre⁽⁵⁾.

⁽³⁾ *Imtrousse dun chirurgien gallo-romain du III siècle*, Paris, 1893, p. 35.

⁽⁴⁾ *Ibidem*, p. 36.

⁽⁵⁾ *Ibidem* p. 37.

Os instrumentos cirúrgicos foram ordenados e classificados por tipos determinados a partir das funções, por Milne, o autor inglês que de uma forma completa e sintética sistematizou os conhecimentos sobre a cirurgia da Antiguidade ⁽⁶⁾.

Assim, os *instrumentos cortantes* agrupam os escalpelos e bisturis de diversas formas, as navalhas e tesouras.

Os *instrumentos de penetração e exploração* incluem as sondas e espátulas, lígulas, as colheres e as agulhas cirúrgicas e os ganchos.

As pinças, ventosas e cauterios incluem-se na categoria de *instrumentos de extracção*.

Associam-se os instrumentos dentários e de osteologia pela sua analogia, e por fim o material ginecológico e de bexiga do mesmo tipo.

O material médico completava-se com *esponjas* para lavar as feridas e estancar hemorragias, faixas de tecido para pensos, fios de linho pouco torcidos para suturas, que também eram feitas com *agrafos* metálicos. Do arsenal médico-cirúrgico faziam parte ainda os crivos, almofarizes para esmagar as substâncias medicamentosas, e as placas de pedra. A esta lista devem acrescentar-se as caixas de unguentos e medicamentos, geralmente em bronze e de pequenas dimensões, com uma cavidade única ou divididas em vários compartimentos fechados com tampas, encontradas no Reno e em Pompeios, hoje conservadas no Museu Germano-Romano de Mainz e no Museu de Nápoles.

Os unguentos na Antiguidade não eram tão fluidos como as substâncias empregues hoje com esse nome. Eram sólidos e designavam-se por *colírios*. A palavra colírio tinha nessa época uma acepção muito lata; aplicava-se a toda a espécie de medicamento líquido, sólido ou pulverulento, destinado a ser introduzido nas aberturas naturais ou nas feridas e incisões, e que recebia quando estava sólido uma forma adaptada a este uso. Quando usados liquefeitos, dissolviam-se em água, vinho, suco de rosa, clara de ovo, leite de mulher, vinagre, mel, etc. Análises químicas feitas a restos de substâncias encontradas em tubos e caixas revelaram que a base destes colírios eram muitas vezes metais: o *chumbo*, o *ferro* e o *cobre*. Os colírios conservavam-se em forma de pequenas placas retangulares de 30 a 60 X 60 mm ⁽⁷⁾.

Além de usados na terapêutica de feridas, eram muito utilizados nas afecções oculares.

⁽⁶⁾ MILNE, *Surgical instruments in Greek and Roman times*, Oxford, 1907.

⁽⁷⁾ DENEFFE, 1893, p. 39.

O oftalmologista ou oculista da época romana, *medicus ocularius*, *medicus ab oculis* ou *chirurgus ocularius*, marcava os colírios sólidos com sinete onde estava gravada em inciso ou em relevo o seu nome e do colírio. Estes sinetes de oculistas, *signa ocularium*, são pequenas placas de formato quadrado, rectangular, triangular, hexagonal ou circular, limitadas por aresta viva ou biseladas, feitas em pedra ou em bronze de 40 a 60X 150 mm. Nos seus lados contêm inscrições relativas ao seu oculista e ao colírio, este em grego, a maneira de se servir dele, o nome da doença e o número de vezes de aplicação.

Na sua forma mais simples, a redacção da inscrição resume-se ao nome do médico e do colírio ou a um dos dois.

Até agora foram encontrados nas Gálias e na Germânia e Hispânia ⁽⁸⁾.

II — Os instrumentos cirúrgicos de Balsa

O achado de instrumentos cirúrgicos tem-se verificado, desde o séc. XIX, por todo o mundo romano, nomeadamente em Itália, Grécia, Germânia, Inglaterra e Hispânia. Na zona correspondente a Portugal, estas peças são relativamente raras. Foram publicados sinetes de oculista e peças cirúrgicas avulsas (espátula, lígula, lanceta, etc) proveniente de Tróia, Vale de Lama, Conimbriga, etc.

A maior e talvez mais completa colecção de instrumentos cirúrgicos, praticamente inédita, foi encontrada na estação romana da Quinta da Torre de Ares, sede da cidade lusitano-romana de Balsa, por Estácio da Veiga em 1877, durante as escavações que efectuou para levantamento oficial da “Carta Archeologica” desta província.

Estes materiais não são inteiramente desconhecidos dos arqueólogos. O autor da descoberta não chegou a publicá-los, embora deixasse fotografias deste conjunto e algumas anotações.

No vol. III das *Religiões da Lusitânia* ⁽⁹⁾, Leite de Vasconcelos consagra-lhes algumas notas infra-paginais, e publica dois desenhos. Vergílio Correia também faz uma menção rápida a estes materiais, a que chama “estojo de cirurgião” e publica a primeira fotografia do conjunto.

⁽⁸⁾ *Idem*, 1897, p. 39; PALOL, 1972, p. 133-146.

⁽⁹⁾ P. 187, figs. 80 e 81.

Posteriormente, Abel Viana e outros referiram-se de passagem a este conjunto cirúrgico (¹⁰), sem o interpretar.

O estojo de cirurgia, assim designado pela primeira vez por Vergílio Correia, foi encontrado em 1877 no decurso das escavações do cemitério de incineração da Quinta da Torre de Ares, freg. da Sra. da Luz, concelho de Tavira e fez parte do Museu Archeológico do Algarve. Encontra-se desde 1897 no actual Museu Nacional de Arqueologia. Inicialmente era composto por 30 peças, 28 de bronze e 2 de pedra, segundo nos revelam as fotos antigas de Estácio da Veiga(ⁿ) e a que foi publicada por Vergílio Correia.

Não apresentamos a totalidade do conjunto cirúrgico porque alguns instrumentos já se perderam desfeitos pela corrosão (¹²). Na ordem de apresentação seguimos o critério de Milne, de classificação por funções.

Escalpelos

Os antigos designavam o escalpelo e o bisturi pelo nome latino de *scalpellus*. Incluem-se na classe dos instrumentos cortantes (¹³). O escalpelo é uma peça formada por uma lâmina em aço ou ferro em forma de folha direita alongada com nervura média que determina uma dupla inclinação, ou curva, entalhada num cabo em bronze de forma variável de secção quadrangular hexagonal ou trapezoidal.

O escalpelo antigo apareceu até agora incompleto. Exumaram-se sobretudo muitos cabos em bronze sem lâminas que desapareceram desfeitas pela humidade do solo ou pelo tempo.

Segundo Deneffe, os cabos do escalpelo têm a forma constante de espátula, confundindo-se por vezes com estas.

Mas a parte superior do cabo do escalpelo apresenta sempre uma forma característica. É fendido no meio da sua espessura numa extensão de 15 a 20 mm, constituindo um profundo entalhe em que se cravava a lâmina de ferro (¹⁴).

(¹⁰) Vergílio CORREIA, 1926, p. 289; VIANA, 1950, p. 270; SANTOS, 1970, p. 254.

(ⁿ) Encontram-se no Arquivo Documental do M.N.A.

(¹²) A colecção seria mais completa, mas não foi possível neste momento identificar outras peças existentes no Museu N. de Arqueologia.

(¹³) MILNE, 1907, p. 24-50.

(¹⁴) DENEFFE 1893 p. 45.

Há diversas variantes de escalpelo sistematizadas por Milne, e que aqui apenas apontamos: escalpelo de ponta afilada, ponteaguda ou romba. A aresta pode ser cortante dos dois lados ou de um só à maneira de navalha. A função mais específica do escalpelo é a dissecação e abertura de abscessos. Neste caso, tem a lâmina direita. Apresenta lâmina curva para extrair pólipos e curar a “doença da pedra”, e para as operações oftálmicas. Há um tipo raro de lâmina curva e cabo terminado num anel que servia para a extracção do feto morto. Este exemplar é proveniente de Pompeios e encontra-se no Museu de Nápoles ⁽¹⁵⁾. Apareceram vários escalpelos simples em Pompeios, Museu de Nápoles, na ilha de Milos e em Tanagra, no Museu de Atenas. Nas Gálias apareceram em Strée (Museu Charleroi) e em Reims (Museu Saint Germain-en-Laye), em Inglaterra (British Museum), e na Hispânia numa sepultura de Toledo atribuída ao Baixo Império ⁽¹⁶⁾. Em Tróia, segundo Arronches Junqueiro, apareceu uma lanceta ⁽¹⁷⁾.

Escalpelo (Est. I, 1)

1 — É uma peça constituída por um cabo em bronze de secção quadrangular ornamentado por um fio espiralado da mesma liga, a que se seguem 5 toros damasquinados a prata. O cabo termina numa das extremidades numa pequena espátula, e na outra num profundo entalhe de cerca de 10 mm de altura, no qual deve ter sido cravada a lâmina de ferro que já não existe. É uma peça inteira e um exemplar raro e de grande perfeição artística. Mede 91 mm de comprimento e 8 mm de largura na parte espatulada. N.º Inv. 14 789.

Paralelos: Os escalpelos damasquinados são raríssimos. Apareceram dois no estojo do oculista de Reims, Gaius Firmius Severus conservado no Museu de Saint Germain-en-Laye, e no estojo do oculista Sextus Polleius Sollemnis.

Sondas

São classificadas por Milne como instrumentos de penetração e exploração, e geralmente andam associados a outros instrumentos ⁽¹⁸⁾.

Os latinos davam o nome de *specillum* a toda uma série de sondas e espátulas.

⁽¹⁵⁾ MILNE 1907 Pl. L., fig. 1 e 2.

⁽¹⁶⁾ PALOL 1972 pp. 133-146.

⁽¹⁷⁾ JUNQUEIRO 1901 p. 179, fig. 13.

⁽¹⁸⁾ MILNE, 1907 pp. 51-55.

A sonda é uma peça muito simples, em metal, bronze ou prata, formada por uma longa haste, terminada numa ou em duas extremidades por uma protuberância olivar, em forma de azeitona. De uma maneira geral, a sonda, tal como a vemos nos instrumentos cirúrgicos da época romana, termina na outra ponta numa espátula em forma de remo ou semelhante à lâmina do escalpelo, mas não cortante.

Primitivamente, o que entre os latinos se chamou *specillum* era sem dúvida uma simples sonda, haste com engrossamento olivar. Mas Hipócrates, falando da sonda, emprega um termo que significava uma espátula de unguentos. O termo sonda em grego etimologicamente deriva da semelhança com o pilão, um utensílio muito comum nas casas gregas. O pilão foi, pois, o instrumento base que deu origem a uma série de formas mais elaboradas e que combinadas produziram novas peças e desempenharam outras funções. Parece que o original da sonda foi a aplicação de pomadas, sendo assim um objecto de *toilette*. Milne chega a esta conclusão baseado no achado, em sepulturas egípcias muito antigas, de pequenos pilões acompanhando caixas de pigmentos de *toilette*.

As sondas entre os Romanos podiam ser simples, de tamanhos e formas variadas, terminadas em estilete, ou em azeitona, ou ligeiramente arredondadas, mas normalmente estão associadas a uma espátula — o instrumento assim combinado é designado pelos escritores clássicos pelo nome grego *spathomele*, ou a uma espécie de colher, sendo neste caso designadas *cyasthiscomele*, ou a um gancho ou ainda a uma agulha.

A sonda permitia explorar um órgão situado a uma certa profundidade, e aplicar um medicamento numa zona a que o dedo não chegava. Com a parte olivar, o cirurgião mexia e combinava os unguentos, com a espátula estendia-os sobre a zona afectada ou sobre uma compressa. Quando os bordos eram cortantes, o cirurgião servia-se da espátula como um escalpelo ou bisturi para trabalhos de dissecação. A sonda simples confunde-se por vezes com o estilete de escrever. A espátula assemelha-se aos instrumentos que os pintores utilizavam para triturar ou amalgamar cores. No entanto, a espátula cirúrgica é de menores dimensões e mais perfeito acabamento ⁽¹⁹⁾. Este tipo de instrumento é frequentemente encontrado nas escavações. Apareceram espátulas-fondas nas Gálias, Inglaterra, Germânia, Pompeios, Herculano e Hispânia. Em Portugal, até à data, apareceu uma espátula em liga de prata

(19) CAGNAT et CHAPOT 1920 p. 515.

no Vale de Lama, concelho de Lagos (Museu Regional de Lagos) e outra em Tróia, referida por Arronches Junqueiro ⁽²⁰⁾.

Espátula-sonda (spathomele) (Est. I, 2, 3, 4)

2 — Espátula em bronze, formada por uma haste de secção circular terminada numa das extremidades numa espécie de remo raso, e na oposta num engrossamento olivar.

Está ligeiramente danificada na parte espatulada. Mede 172 mm de comprimento e 12 mm de largura na parte espatulada. N.º inv. 14 811.

3 — Outro exemplar em bronze idêntico ao anterior, mas de menores dimensões, tendo a parte espatulada muito danificada. Mede 157 mm de comprimento e 6 mm na parte mais larga da espátula. N.º inv. 14793.

4 — Espátula em bronze formada por uma haste de secção circular, terminada numa extremidade em forma de folha de oliveira que se liga ao cabo por um triângulo de lados arqueados. A outra ponta termina em engrossamento olivar, o qual apresenta um orifício de agulha. Este instrumento é muito curioso e parece-nos único, porque revela tripla finalidade: foi simultaneamente espátula-sonda e agulha, devendo-se no entanto salientar que as agulhas cirúrgicas são de outro tipo, e que essa seria destinada a coser compressas. Mede 181 mm de comprimento e 13 mm de largura na parte espatulada. N.º inv. 14792.

Paralelos: Apareceram espátulas deste tipo em Portugal, mas sem orifício, por exemplo, uma em prata, no Vale de Lama, concelho de Lagos (M. R. Lagos), em Atenas (M. Atenas), duas em Pompeios estando uma dentro de um pequeno estojo cilíndrico (Museu de Nápoles) ⁽²¹⁾.

Colher-sonda (cyasthiscomele) (Est. I, 5, 6 e Est. II, 7)

É uma variedade da “*spathomele*”, em que a lâmina não é rasa, mas forma uma concavidade ou colher. Tem o mesmo cabo plano ou canelado mas a espátula é substituída por uma colher de profundidade variável. O termo pode correctamente traduzir-se pela expressão colher-sonda. Utilizadas como sondas, eram principalmente usadas para misturar, medir e aplicar medicamentos. Algumas foram adaptadas como “*curettes*”.

5 — Espátula ou colher-sonda (*cyasthiscomele*) em bronze, formada por uma haste de secção circular terminada numa extremidade por uma colher estreita, ovalada e pon-

⁽²⁰⁾ VIANA *et alii* 1953 p. 13-14, Lâm. III, 34, fig. 7; Arronches JUNQUEIRO 1903 p. 179, fig. 12.

⁽²¹⁾ VIANA *et alii*, 1953, Lâm. III, 34; SANTOS, 1970, fig. 168; MILNE, 1907, PL XII, fig. 4, XIII, fig. 1, LXI fig. 2.

teaguda ligeiramente côncava, ligada ao cabo por um toro e duas canduras. A outra extremidade termina em engrossamento olivar. É uma peça muito perfeita. Mede 177 mm de comprimento e 7 mm de largura na parte côncava. O desenho desta peça foi publicado no voi. III das *Religiões da Lusitânia*, fig. 81. N.º inv. 14795 A.

Paralelos: peça muito aproximada é a colher-sonda do M. Germano-Romano de Mainz, publicada por Milne, PL XIV, fig. 4, e outra da colecção deste autor encontrada em Inglaterra, PI XIV, fig. 3. Em Conimbriga apareceu uma lígula que pensamos tratar-se duma colher-sonda deste tipo (FRANÇA, 1971, p. 21 Est. II, fig. 17).

6 — Colher-sonda em bronze, formada por uma haste de secção circular, decorada por um toro, estreita até terminar numa colher de forma elíptica alongada, de maior profundidade que a anterior. Está bastante danificada. A outra extremidade termina num volumoso engrossamento olivar que apresenta um pequeno estrangulamento ou vestígio de uso. Mede 139 mm de comprimento e a concha tem 71 mm de largura. N.º Inv. 14794.

Paralelos: a peça mais aproximada é publicada por MILNE, Plate XIV, fig. 5, achada em Inglaterra, pertencia à sua colecção particular.

7 — Colher-sonda em cobre, formada por uma haste de secção circular decorada por dois toros e uma canelura, terminada numa extremidade por uma colher côncava de forma triangular arqueada no topo. A outra extremidade termina num engrossamento olivar um pouco irregular.

Mede 147 mm de comprimento e 10 mm de largura na parte mais larga da concha. N.º Inv. 14810.

Paralelos: a forma mais aproximada é uma colher-sonda de Pompeios; está no Museu de Nápoles, ornamentada com um fio espiralado de prata (MILNE, PI. XIV, fig. 5).

Agulhas

Na categoria de instrumentos de penetração, Milne também inclui as agulhas cirúrgicas, umas triangulares outras circulares. Existem inúmeras referências à agulha cirúrgica mas não há nenhuma descrição actualizada. A agulha cirúrgica é do tipo *triangular*, isto é, de secção triangular, possui bordos cortantes e mede cerca de 72 mm de comprimento. Devem ter existido vários tamanhos e tipos consoante a finalidade. Em afecções oculares (“staphyloma” da córnea), utilizaram-se agulhas de reduzidas dimensões. O tipo triangular é raro. Poucos exemplares foram encontrados e as que existem são de bronze, osso e marfim. Admite Milne que a maioria foi fabricada em aço e por essa razão não sobreviveu.

Paralelamente, têm aparecido, entre material cirúrgico, *agulhas circulares* de grande formato, idênticas às de costura. Classificadas como cirúrgicas, não o foram no sentido preciso da sutura dos tecidos porque as suas dimensões (espessura e comprimento) não eram próprias para

esse fim. Devem considerar-se no entanto material médico porque serviram para coser as ligaduras. Neste sentido são um apetrecho cirúrgico. Foram encontradas numerosas agulhas deste tipo associadas a outros instrumentos cirúrgicos ⁽²²⁾. Do tipo triangular Milne refere um exemplar da sua colecção particular, Pl. XVII, fig. 5. De tipo circular conhecem-se duas em bronze, uma do estrato romano de Londres, colecção Milne, outra de Pompeios no Museu de Nápoles referida por Vulpes ⁽²³⁾. As dimensões de ambos os tipos oscilam entre 115 mm e 140 mm.

Agulha (Est. II, 8)

8 — Longa haste em cobre de secção circular, aguçada numa extremidade e achatada na oposta, perfurada por um orifício. Este exemplar, embora de maiores dimensões, pode enquadrar-se no tipo de agulha circular apropriada para coser as ligaduras e não para suturar os tecidos. Dimensões: 212 mm de comprimento. N.º inv. 14979.

Colheres (ligulae)

Tipo relativamente vulgar de peças, com concavidade circular ligada a um cabo pontegudo. Normalmente são de bronze mas também apareceram em prata, e um número considerável em osso no hospital romano de Baden. Uma variedade mais rara apresenta um bico ou goteira para ajudar a verter os líquidos. Serviam para medir e aquecer medicamentos e retirá-los dos unguentários. Com frequência foram encontradas ao lado de unguentários de vidro que continham pomadas. Este tipo de colher, segundo Milne, mede em média 20 mm de diâmetro de concha e 120 mm de comprimento do cabo. Colheres semelhantes foram achadas entre materiais domésticos. A indicação da finalidade das colheres é dada pelo seu contexto arqueológico e pelos vestígios aderentes de unguentos. Sempre que aparecem associadas a outras peças cirúrgicas não restam dúvidas sobre a sua finalidade ⁽²⁴⁾. No Museu Britânico existe uma colher deste tipo, ornamentada no cabo, e outra foi encontrada na sepultura do cirurgião de Paris ⁽²⁵⁾.

⁽²²⁾ MILNE, 1907 pp. 75-76 Pl. XVII fig. 2 a 5.

⁽²³⁾ *Illustrazione di tutti gli strumenti chirurgici scavati in Er colano e in Pompeii*, Napoli, 1847.

⁽²⁴⁾ MILNE, 1907, p. 75, Pl. XIX, fig. 4.

⁽²⁵⁾ DENEFFE, 1893, p. 43, Pl. 4, fig. 14.

Colher (Est. II, 9)

9 — Colher em bronze formada por uma concavidade circular forrada interiormente a prata, muito danificada, ligada a um cabo de secção circular, pontegudo na extremidade. Num bordo muito rasgado, aparenta ter tido um bico ou goteira para escoamento de líquidos. Mede 123 mm de comprimento e 20 mm de diâmetro da concavidade. N.º inv. 14788.

Paralelos: a colher em bronze do cirurgião de Paris é a peça que mais se aproxima desta e a colher do Museu Britânico.

Ganchos (*erignes, sharp hooks*)

Instrumentos com a forma de hastes de secção circular muito pontegudos terminados em gancho, a que os latinos chamaram *hamus* ou *hamulus acutus*. Geralmente têm o cabo profusamente ornamentado. Eram usados para separar os lábios das feridas do abdómen e para encontrar como estilete explorador um órgão profundamente situado. Também serviam para extracção de corpos estranhos e para dissecação de varizes, hemorroides, ablação de amígdalas, freio da língua e na doença dos olhos, fistula lacrimal “oegilops”. Têm aparecido vários, em Tanagra (Museu de Atenas), 14 em Pompeios (Museu de Nápoles) e 4 na Gália no estojo do oculista SEVERVS de Reims, conservado no Museu de Saint Germain-en-Laye e dois em Inglaterra, no British Museum ⁽²⁶⁾.

Gancho (Est. II, 10)

10 — Exemplar em bronze, constituído por uma longa haste de secção circular, formando na ponta superior um cabo ou punho mais espesso ornamentado. Termina em ponta aguçada, que está seccionada notando-se a aspereza da aresta. Por esta razão, admite-se que terminasse num gancho, e dada a analogia com as peças deste tipo do oculista SEVERVS de Reims incluímo-lo nesta categoria. O cabo de secção circular, mas muito mais grosso que a ponta, é ornamentado com três anéis e estrias. Encurva ligeiramente para a extremidade, sendo rematado por duas caneluras, encimadas por um balaustre e dois toros decrescentes. Mede 165 mm de comprimento e 6 mm de espessura na parte mais larga do cabo. N.º inv. 14809.

Paralelos: Ganchos do oculista SEVERVS no Museu de S. Germain-en-Laye, e de Pompeios no Museu de Nápoles (Milne, PI. XXIII, fig. 1 e PI. XXIV fig. 1 a 5).

⁽²⁶⁾ DENEFFE, 1986 pp. 111-116 PL IV, 1, 2, 5, 6: MILNE 1906, PI. XXIII, fig. 1 a 4 e PI. XXIV fig. 1 a 5.

Sondas bifurcadas

Hipócrates e Galeno, no seu “Lexicon”, descrevem a extracção de pólipos nasais por meio de uma sonda bifurcada. Deve ter sido um tipo de sonda tendo na extremidade arredondada um entalhe em forma de seta. Segundo Milne, só uma sonda deste tipo podia ser segura para usar na parte posterior da garganta conforme a descrição de Hipócrates. Celsus também descreve uma peça bifurcada usada para extrair projecteis enterrados na carne. Há vários tipos de sonda bifurcada de secção circular de pontas semelhantes a garfos, ou forquilha, sendo a maior colecção a do British Museum. Também existe uma variedade plana figurando um exemplar na colecção particular de Milne.

Sonda bifurcada (Est. II, 11)

11 — Exemplar formado por uma haste plana de secção rectangular constituindo um cabo ornamentado de caneluras convexas com um pequeno orifício na extremidade, a qual estreita para a outra ponta que termina numa bifurcação com um entalhe em forma de seta. A extremidade bifurcada é também ornamentada com três grupos de caneluras. O orifício do cabo seria para introduzir a peça numa argola portátil com outros instrumentos. Admitimos com reservas que seja uma sonda bifurcada. Não encontramos peças exactamente iguais. Mede 145 mm de comprimento e 6 mm na parte mais larga. N.º inv. 14043.

Pinças

Têm a designação latina de *volsella* ou *vulsella* e as de maior dimensão, *forceps* e devem considerar-se entre os mais antigos instrumentos de que a humanidade se serviu. Não eram de uso exclusivamente cirúrgico. Serviam para a depilação do corpo e para usos domésticos. Nas ruínas de Pompeios e Herculano foram encontradas pinças nas cozinhas, oficinas, quartos de habitação e ao lado das lucernas, como acessórios indispensáveis para puxar as mechas. Serviam um pouco para tudo.

Na *cirurgia geral* eram usadas além da depilação pré-operatória para extracção de corpos estranhos, projecteis, pedras de chumbo, falhas de osso, pólipos nasais e do útero, operar tumores, levantar pedaços de tegumento mucoso ou cutâneo, etc. Na cirurgia oftálmica foram muito usadas pelos oculistas romanos para a terapêutica das afecções oculares

e nas operações aos olhos. Eram especialmente usadas para depilação das pestanas da pálpebra para tratamento da conjuntivite granulosa, quistos das pálpebras, chalázios, no “oegilops” da catarata, etc.. De uma forma geral, as pinças tinham os ramos direitos inclinados para fora com as pontas encurvadas. Mais raramente, os ramos terminaram em dentes de serra ou de rato (*dent de souris*), ou com as pontas em ângulo recto. O seu comprimento varia entre os 140 e os 80 mm. Excepcionalmente, a pinça apareceu como um instrumento cirúrgico de dupla função, ou com uma raspadeira ou espátula na parte superior como no estojo do cirurgião de Paris, ou com um ramo de um lado e vareta auricular do outro ⁽²⁷⁾. As pinças são das peças cirúrgicas mais vulgares. Existem no Museu de Nápoles provenientes de Pompeios, Herculano, no de Atenas, no Museu Britânico, nas Gálias, apareceram em grande número no estojo do oculista SEVERUS de Reims, Museu St. Germain, no do cirurgião de Paris e no Museu de Mainz.

Pinças (Est. II, 12 e III, 13 e 14 e 15)

12 — Pinça em bronze de longos ramos direitos, de secção rectangular, que se alargam, formando uma meia curva e contracurva em cada ramo e terminam em pontas aguçadas. O cabo é ornamentado com três anéis encimados por um elegante balaustre estriado, com dois toros decrescentes. Esta é a mais típica, segundo Milne, das pinças de depilação cirúrgica. Mede 123 mm de comprimento e 6 mm de espessura no manipulo. N.º inv. 14786 B.

Paralelos: Pinças de Pompeios, Museu de Nápoles e do oculista Severus de Reims, Museu de St. Germain. MILNE, PL XXVI, fig. 1 e 6, PL XXIX, fig. 2; DENEFFE, 1896, p. 117 Pl. II, fig. 34, 5, 6, 7 e 8.

13 — Pinças em bronze de ramos inclinados para fora com as garras voltadas para dentro. É feita de uma barra de bronze de secção rectangular, dobrada sobre si mesma, formando superiormente um orifício em forma de gota. É o tipo mais simples de pinça cirúrgica. Mede 112 mm de comprimento e 5 mm de largura. N.º inv. 14787 B.

14 — Pinça em bronze idêntica à anterior, mas de menores dimensões. Mede 84 mm de comprimento e 4 mm de espessura. N.º inv. 14787 C.

15 — Pinça em bronze idêntica à n.º 13 e 14, ainda de menores dimensões. Mede 82 mm de comprimento e 4 mm de espessura.

Paralelos: em Portugal não conhecemos pinças do tipo 13, 14 e 15. Em Conimbriga apareceram algumas, mas de menores dimensões, sendo por isso objectos de *toilette* ⁽²⁸⁾. No Museu de Nápoles e no Museu Britânico existem pinças cirúrgicas deste tipo. MILNE. Pl. XXVI fig. 3 e 5 e Pl. XXVIII fig. 1.

⁽²⁷⁾ CAGNAT et CHAPOT, 1920, p. 517-18; DENEFFE, 1893 p. 49-58; DENEFFE, 1896 p. 111, FRANÇA, *Objectos de toilette de Conimbriga*, “Conimbriga”, X, 1971, p. 12.

⁽²⁸⁾ FRANÇA, 1971, Est. II fig. 14 e 15.

Placas para unguentos (Est. IV, 17e III, 16)

São pequenos rectângulos em geral de pedra, raramente em bronze, com os bordos talhados em bisel. Numa das faces podiam ter uma pequena concavidade, o “godet”, que servia para o médico misturar os unguentos ou colírios. Além desta função serviam para afiar os instrumentos cortantes, escalpelos, etc., cujos bordos desgastados muitas vezes ampiamente demonstram este uso. Não são vulgares. Conhecem-se dois exemplares de Beauring no Museu Arqueológico de Namur (Bélgica), uma de Tongres, de Pompeios no Museu de Nápoles, do estojo do cirurgião de Paris, e da necrópole do Monte do Farrobo (Aljustrel) ⁽²⁹⁾.

As dimensões são idênticas oscilando entre os 110 e 130 mm X 70 a 80 mm.

16— Fragmento de placa de mármore esverdeado raiado de preto, de formato rectangular com os bordos talhados em bisel. Dimensões actuais: 76 X 52 X 9 mm. Atribui-se idêntico uso. N.º inv. 14 891.

17 — Placa de xisto cinzento antracite, bem polido, de formato rectangular com os quatro bordos biselados. Intacta, apresenta os bordos desgastados. Mede 128 X 70 X 12 mm. Sem n.º inventário.

Paralelos: Além das placas já mencionadas, apareceu uma placa idêntica em xisto, no Vale de Lama, concelho de Lagos, juntamente com uma espátula e colher-sonda em liga de prata e cobre. Em Conimbriga também apareceu uma placa deste tipo ⁽³⁰⁾.

III — Conclusões

Este estojo cirúrgico incompleto pertenceu sem qualquer dúvida a um médico de Balsa, cujo nome por enquanto se desconhece. Relativamente à Lusitânia, conhecem-se alguns nomes de médicos. Segundo Leite de Vasconcelos, CIL indica os nomes de alguns médicos lusitano-romanos, C. Attius Ianuarius “medicus pacensis”, numa inscrição de Miróbriga (CIL II 21) e Lucius Cordius Symphoro, de origem grega, cujo nome apareceu numa inscrição de Emerita, e refere-se a uma “medica optima” (parteira) também de Emerita ⁽³¹⁾. Seria também muito interessante conhecer o nome do médico balsense. Mas afigura-se-nos ainda mais importante que o nome do médico de Balsa conhecer a data aproximada deste conjunto quase único em Portugal. Além deste

⁽²⁹⁾ ALARCÃO, Jorge de, *A Necrópole do Monte do Farrobo (Aljustrel)*, “Conimbriga”, vol. XIII, 1974, p. 14 (sepultura 32, n.º 3).

⁽³⁰⁾ FRANÇA, 1971, p. 24.

⁽³¹⁾ VASCONCELOS, 1913, p. 186; FERREIRA, 1969 p. 128.

conhecem-se as peças do Museu de Lagos descobertas no Vale de Lama (Lagos) pelo Dr. Formosinho. Não é fácil determinar para os instrumentos cirúrgicos de Balsa, ainda que de forma provisória, uma cronologia porque se desconhece o contexto arqueológico. Tentámos a sua reconstituição muito sumária a partir dos escassos manuscritos que Estácio da Veiga deixou. Entre o seu espólio documental conservado no Museu Nacional de Arqueologia existem além de plantas e desenhos do cemitério da Torre de Ares, já publicados, fotos, e um pequeno livro manuscrito “Catalogo dos monumentos e objectos de arte antiga...”⁽³²⁾. Nele o autor faz uma relação dos materiais encontrados nas escavações do Algarve em 1877/78 e refere-se às condições de jazida ou aquisição. Na rubrica “Objectos extraídos do cemitério romano da Torre de Ares”, p. 70, aponta “Fragmentos de urna de barro fino lavrada e de frasco de vidro, extraídos de uma incineração com ossos calcinados, pregos de ferro e um agulheiro ou estojo de cobre com instrumentos de trabalho pegados à tampa o qual vai junto com artefactos de cobre em caixa reservada”. No cap. das “Caixas reservadas” p. 154 lê-se: “Estojo metálico em forma de agulheiro, contendo dois instrumentos de trabalho e uma moeda de Claudio tudo extraído de uma incineração”. Admitimos com reservas que esse estojo (que já não existe) fosse um desses exemplares cilíndricos portáteis que contêm 4 ou 5 instrumentos cirúrgicos. Estes elementos do “Catalogo” não são porém muito úteis porque carecem de descrições concretas.

É difícil relacionar esta anotação do “Catalogo” referente a dois instrumentos e o estojo cirúrgico originariamente composto de cerca de 30 peças.

Do espólio do cemitério da Torre de Ares estão publicados os “Vidros Romanos de Balsa”⁽³³⁾ cujo estudo rigoroso das peças assinalando vidros datados desde o séc. I ao IV indica uma ocupação muito lata da necrópole.

⁽³²⁾ MACHADO, 1960 p. 360.

⁽³³⁾ ALARCÃO, “O Arq. Port.”, Série III, vol. IV, 1970, p. 237-261.

À falta de um contexto arqueológico preciso ou aproximado que permita estabelecer uma cronologia, resta apenas o exame dos próprios materiais cuja tipologia variou sensivelmente entre o séc. I e III d. C.

A semelhança notória (dimensões, ornamentações, etc.) por exemplo do escalpelo, espátula, sondas, colher, pinças e gancho, com os instrumentos cirúrgicos encontrados em Paris em 1880 numa sepultura de incineração contendo moedas, pequenos bronzes de Tetricus I e II (267-272 d.C.) sugere-nos o séc. III como a data mais provável do estojo do cirurgião de Balsa.

A análise destes instrumentos permite avaliar a avançada tecnologia cirúrgica romana. É também uma achega para o conhecimento do desenvolvimento civilizacional desta cidade portuária do Cyneticum, da qual pouco se conhece ainda.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge, *Vidros Romanos de Balsa*, “O Arqueólogo Português”, Lisboa, Série III, vol. IV, 1970, p. 237-261.
- ALARCÃO, Jorge, *A Necrópole do Monte do Farrobo (Aljustrel)*, “Conimbriga”, XIII, 1974, p. 14.
- CAGNAT, R. et CHAPOT, V., *Manuel d'Archeologie Romaine*, vol. II, Paris, 1920.
- CIL = HÜBNER, E., *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II e *Supplementum*, Berlim, 1869 e 1892.
- CORREIA, Vergílio, *O Domínio Romano*, in *História de Portugal*, vol. I, Barcelos, 1928.
- DAREMBERG et SAGLIO, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Tome I, Paris, 1888.
- DENEFFE, *Étude sur la trousse d'un chirurgien gallo-romain du III^e siècle*, Anvers, 1893.
- DENEFFE, *Les oculistes gallo-romains au III^e siècle*, Anvers, 1896.
- VEIGA FERREIRA, O. da, *Acerca dos conhecimentos da medicina e cirurgia na Antiguidade*, “O Arqueólogo Português”, Série III, Lisboa, III, 1969, p. 128.
- FRANÇA, Elsa A., *Objectos de toilette de Conimbriga*, “Conimbriga”, Coimbra, IX, 1970 p. 12, 17, 18, 21, 22 e 24.
- JUNQUEIRO, Arronches, *Estudos sobre Troia de Setúbal*, “O Archeologo Português”, Lisboa, VII, 1903 p. 179 e 283.
- MACHADO, J. Saavedra, *Documentos de Estácio da Veiga para o estudo da Arqueologia do Algarve— I— Catálogo de Plantas, Desenhos e Mosaicos* in *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, I, 1970 p. 360.
- MILNE, J. Steward, *Surgical Instruments in Greek and Roman Times*, Oxford, 1907.
- PALOL, P. de *Una tumba romana de Toledo y los frenos de caballo hispano-romano, del Bajo Imperio*, “Pyrenae”, 8, 1972, p. 133-146.

SANTOS, Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos, *Arqueologia Romana do Algarve (Subsidios)*, Lisboa vol. I, 1970.

VASCONCELOS, José Leite, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, III, Lisboa, 1913.

VIANA, Abel, *Balsa y la necrópolis romana de As Pedras de-Rei*, “Arquivo Español de Arqueologia”, Madrid, XXV, 1952, p. 270.

VIANA, Abel, FORMOSINHO, FERREIRA O. da, VEIGA *De lo Preromano a lo arabe en museo regional de Lagos*, “Archivo Español de Arqueologia”, Madrid, XXVI, 1953, p. 113-38.

(Página deixada propositadamente em branco)

1

ESC:

2

3

4

5

6

ESC:

7

8

9

10

11

12

ESC:

13

14

15

16

ESC:

EST. IV

17

ESC:

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

EST. X

16